

HOMOFOBIA. UMA PRAGA CRISTÃ

*Luiz Mott*¹

HOMOPHOBIA: A CHRISTIAN PLAGUE

Resumo: Os homossexuais são os mais odiados dentre todas os grupos minoritários, explicando-se tal intolerância porque o amor entre pessoas do mesmo sexo foi secularmente considerado crime hediondo, condenado como pecado abominável, escondido através de um verdadeiro complô do silêncio. Este “racismo anti-homossexual”, cientificamente conceituado de homofobia, redundou na internalização e institucionalização da intolerância por parte dos membros da sociedade heterossexista, a iniciar pela repressão dentro da própria família, no interior das igrejas e na academia, dentro dos partidos políticos, das próprias entidades voltadas para a defesa dos direitos humanos e do poder governamental. A homofobia cultural e institucional contaminam inclusive as próprias vítimas: gays, lésbicas e transgêneros, em sua maior parte vivem numa espécie de vácuo identitário e sob o efeito perverso da alienação, com baixa auto-estima, incapazes de iniciativas em defesa da própria cidadania. Uma das prioridades para reverter este quadro perverso é desconstruir os tabus religiosos que diabolizam o amor entre pessoas do mesmo sexo, propondo às diferentes igrejas a promoção de pastorais específicas voltadas para as minorias sexuais, não descurando da implementação de ações afirmativas governamentais visando a cidadania plena da comunidade homossexual.

Palavras-chave: Homossexualidade; homofobia; religião; preconceito.

Abstract: Homosexuals are the most hated minority group amongst all the others, and the explanation for the existence of such intolerance is that the love between people of the same sex has secularly been considered a hideous

¹ Professor Titular de Antropologia, Universidade Federal da Bahia. Decano do Movimento Homossexual Brasileiro. e-mail: www.luizmott.cjb.net

crime, condemned as an abominable sin, hidden through a real conspiracy of silence. This “racism anti-homosexual”, scientifically labeled as homophobia, resulted in the internalization and institutionalization of intolerance in a significant part of the heterosexual society, starting with the repression inside the proper family, inside the churches and the academy, inside political parties, including entities working in the defense of human rights and inside the governmental power. The cultural and institutional homophobia also contaminates the proper victims: most gays, lesbians and transgenders live in some kind of identity vacuum and under the perverse effect of alienation, with low self-esteem, being incapable of actions in the defense of their own citizenship. One of the priorities to revert this perverse picture is to de-construct the religious taboos that diabolize the love between people of the same sex, stimulating the different churches to promote pastorals that are specifically applied to the sexual minorities, not relinquishing the implementation of governmental affirmative actions aiming at the full citizenship building of the homosexual community.

Keywords: Homosexuality; homophobia; religion; prejudice.

I. Introdução

“Praga” tem várias acepções em nossa língua: significa maldição. Pode ser também desgraça, flagelo, peste. É sinônimo de erva daninha: que causa dano, algo nocivo, malvado. O Papa Ratzinger declarou recentemente que “o segundo casamento é uma praga”. A Aids foi chamada inicialmente de “peste gay”. Portanto, nada mais cristão e atual do que o conceito de “praga” associado à homofobia.

Tal é o objetivo deste ensaio: demonstrar que a *homofobia* – este ódio irracional contra a homossexualidade e os homossexuais – é uma verdadeira praga inspirada e legitimada pelas três religiões abraâmicas: judaísmo, cristianismo e islamismo. Homofobia, assim como o machismo, a misoginia, o racismo, a xenofobia, são verdadeira maldição, desgraça, flagelo, peste, erva daninha, sentimentos e comportamentos diabólicos que impedem a mais de 10% da humanidade, vítimas da homofobia, o exercício elementar de seus direitos humanos e de cidadania plena. Estas reflexões são um alerta e um libelo contra a praga do racismo anti-homossexual.

Nos últimos quatro mil anos, nas diferentes civilizações que serviram de matriz à cultura ocidental, e na nossa própria sociedade, a homossexualidade

foi rotulada por diversos nomes atrozes que refletem o alto grau de reprovação associado a esta performance erótica: abominação, crime contra a natureza, pecado nefando, vício dos bugres, abominável pecado de sodomia, velhacaria, descaração, desvio, doença, viadagem, frescura, etc. E os homossexuais – mais os do sexo masculino do que as lésbicas – foram condenados a diferentes penas de morte: apedrejados, segundo a Lei Judaica; decapitados, por ordem do Imperador Constantino a partir de 342 d.C.; enforcados, afogados ou queimados nas fogueiras da Inquisição, durante a Idade Média e até os tempos modernos; despedaçados na boca de um canhão, como ocorreu com um índio Tibira no Maranhão colonial, executado por ordem dos missionários capuchinhos; queimados pelos nazistas nos campos de concentração. Hoje, no Brasil, a cada dois dias, um gay, travesti, transexual ou lésbica é brutalmente assassinado, vítima da *homofobia* – este ódio irracional à homossexualidade, fazendo de nosso país o campeão mundial de crimes homofóbicos: 2.745 assassinatos nas duas últimas décadas. (MOTT, 2002,a)

Se de um lado a “causa” da homossexualidade é nebulosa, e não interessa aos próprios amantes do mesmo sexo sua identificação, a ciência Etno-histórica indica que a homofobia tem suas raízes fincadas na tradição abraâmica, já que Abraão é o patriarca das três religiões mais homofóbicas da história humana. Há mais de quatro mil anos os donos do poder perceberam o caráter ameaçador, político e revolucionário das relações unissexuais, daí transformar o sexo e amor entre pessoas do mesmo gênero em crime abominável e o mais detestável de todos os pecados. Hoje, quando se ouve de norte a sul do Brasil esta sentença de morte: “*Viado tem mais é que morrer!*”, inconscientemente, está-se repetindo o milenar veredicto atribuído à própria vontade divina: “[...] o homem que dormir com outro homem, como se fosse mulher, deve ser apedrejado!”²

O preconceito homofóbico tem como justificativa não apenas o desperdício do sêmen, visto como uma espécie de controle perverso da natalidade, mas teme-se também, mais que a peste, a ameaça desestabilizadora representada pelos amantes do mesmo sexo, na medida em que importantes costumes tradicionais são colocados em xeque pelo revolucionário estilo de vida dos “gays”: o sexo-prazer desvinculado da procriação, a tentação da androginia e da unissexualidade, o questionamento da naturalidade da divisão sexual do trabalho e dos papéis de gênero, o amor livre, o “safe sex”. (MOTT, 2002,b)

Quando se fala em discriminação, via de regra, cada minoria procura puxar o quanto pode a brasa para mais perto de sua sardinha. Há contudo evidências sólidas confirmando que os *gays*, *lésbicas*, *travestis* e *transexuais* são as principais

² Levítico, 20,13

vítimas do preconceito e discriminação dentro de nossa sociedade. É exatamente por esta situação de maior vulnerabilidade, que os homossexuais carecem de maior e mais urgente atenção por parte do poder público e da sociedade em geral, na implementação de legislação defensiva e ações afirmativas que garantam a salvaguarda de seus direitos humanos e da plena cidadania da população GLTB – gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais.

II. Homossexuais: os mais discriminados

Eis um decálogo explicativo e comprobatório de que dentre todas as minorias sociais, os praticantes do “amor que não ousava dizer o nome” são os mais discriminados em nossa sociedade “cristã”.

1. Crime hediondo

Na nossa tradição ocidental, herdeira da moral judaico-cristã, o amor entre pessoas do mesmo sexo foi considerado e tratado como crime dos mais graves, equiparado ao regicídio e à traição nacional. O sexo entre dois homens era considerado tão horroroso, que os réus deste delito hediondo deviam ser punidos com a pena de morte: a pedradas entre os antigos judeus e até hoje nos países islâmicos fundamentalistas; decapitados, no tempo dos primeiros imperadores cristãos; enforcados ou afogados na Idade Média; queimados pela Santa Inquisição; condenados à prisão com trabalhos forçados no tempo de Oscar Wilde e na Alemanha nazista. (DYNES, 1987; LEVER, 1985)

Só em 1821 é abolida a Inquisição Portuguesa e em 1823, por influência modernizante do Código de Napoleão, a sodomia deixou de ser crime também no Império do Brasil. Apesar de terem sido descriminalizados há quase dois séculos, gays, lésbicas e travestis continuam sendo tratados como criminosos: nas delegacias, nas batidas policiais, os homossexuais são sempre vistos e tratados como delinquentes. Mesmo quando vítimas, são tratados como réus. (MOTT, 1997)

2. Pecado abominável

“[...]De todos os pecados, o mais sujo, torpe e desonesto é a sodomia. Por causa dele, Deus envia à terra todas as calamidade: secas, inundações, terremotos, pestes. Só em ter seu nome pronunciado, o ar já fica poluído.” (VIDE, 1853)

Tal foi o ensinamento repetido por rabinos, felás, padres e pastores ao longo dos últimos quatro mil anos. O amor entre dois homens foi considerado

pecado tão abominável que não deve sequer ser pronunciado: “nefando” ou “nefário” significa exatamente isso: impronunciável, o pecado cujo nome não se pode dizer.

De acordo com a teologia moral cristã, um homem amar o outro, era pecado mais grave do que matar a própria mãe, escravizar outro ser humano, ou a violência sexual contra crianças. “Por causa da sodomia, Deus arrasou com Sodoma e Gomorra e destruiu a Ordem dos Templários num só dia!” (MOTT, 1992:703-738)

Na tradição ocidental, cabe ao Judaísmo a culpa principal pela legitimação da intolerância anti-homossexual, posto ter sido o Antigo Testamento que forneceu as mesmas premissas homofóbicas para o cristianismo e islamismo. Foi Javé quem primeiro mandou apedrejar “o homem que dormir com outro homem como se fosse mulher”, cabendo ao apóstolo Paulo, ex-fariseu, a argumentação teológica para excluir os sodomitas do Reino dos Céus. (BOSWELL, 1994)

Ainda hoje vigora a pena de morte contra os amantes do mesmo sexo nos países fundamentalistas islâmicos. Malgrado a homossexualidade ser chamada durante a Idade Média, com justiça, de “vício dos clérigos”, e ainda hoje gays e lésbicas representarem significativo papel quantitativo e qualitativo sobretudo dentro do catolicismo, João Paulo II e Bento XVI têm-se destacado pela intolerância anti-homossexual, tanto que segundo o atual Catecismo Romano, o homossexualismo é considerado “intrinsecamente mau”. (GRAMICK, 1988)

Enquanto a Igreja vem pedindo perdão a todos os grupos sociais por ela perseguidos ou maltratados – judeus, negros, índios, protestantes, etc – a hierarquia católica e, sobretudo, as novas seitas protestantes fundamentalistas, radicalizaram seus discursos e ações contra os direitos humanos e dignidade das minorias sexuais. Mesmo as religiões afro-brasileiras, cujo panteão é povoado por diversas divindades transexuais e cujos pais, mães e filhos de santo, em número significativo, são praticantes do homoerotismo, mesmo o candomblé e umbanda ainda não articularam um discurso politicamente coerente em defesa da visibilidade e afirmação das minorias sexuais.

3. Homofobia internalizada

Durante centenas de gerações, nossos antepassados ouviram nos púlpitos e confessionários, que a homossexualidade era o pecado que mais provoca a ira divina. Ainda recentemente o Cardeal do Rio de Janeiro e muitos pastores

proclamam que a Aids, por eles chamada de “peste gay”, é um castigo divino contra os homossexuais. (MOTT, 1985) Durante séculos nossos antepassados reprimiram seus filhos homossexuais, pois toda a família perdia os direitos civis por três gerações seguidas, caso um seu membro fosse condenado pelo crime de sodomia. No tempo de nossos pais e avós os donos do saber médico proclamaram que os “pederastas” eram doentes, desviados, neuróticos, anormais, etc. submetendo-os a tratamento cruéis e inócuos. (GREEN, 2000) Desde Freud, contudo, comprovou-se que todos somos *perversos polimorfos*, com forte presença da bissexualidade em nossa libido. Kinsey descobriu já em 1948 que 37% dos norte-americanos brancos tinham experimentado na idade adulta, ao menos dois orgasmos com o mesmo sexo.

O ódio mórbido contra a homossexualidade a Psicologia chama de *homofobia internalizada*, provocando nestes doentes, sintomas diversos, (além de mau humor, espinhas e prisão de ventre), incluindo neurose de frustração sexual, suicídio e atos de violência, como agressões e o assassinato sádico de homossexuais.

4. Opressão familiar

Enquanto para os membros das demais minorias sociais, a família constitui a principal grupo de apoio no enfrentamento da discriminação praticada pela sociedade global, no caso dos homossexuais, é no próprio lar onde a opressão e a intolerância fazem-se sentir mais fortes. (GRIFFIN, 1986)

A mãe negra, o pai judeu, a família indígena reforçam a auto-estima étnica ou racial de seus filhos, estimulando a afirmação dos traços culturais diacríticos que auxiliarão vitalmente a estas crianças e adolescentes, desenvolverem sua auto-estima, identidade, orgulho e afirmação enquanto grupo étnico, racial ou religioso diferenciado. Com os jovens gays, lésbicas e transgêneros a realidade é tragicamente oposta: pais e mães repetem o refrão popular – “prefiro um filho morto do que viado!”, ou “antes uma filha puta do que sapatão!”. Muitos são os registros de jovens homossexuais que sofreram graves constrangimentos e violência psíquica e física dentro do próprio lar quando foram descobertos: insultos, agressões, tratamentos compulsórios destinados à “cura” da sua orientação sexual, expulsão de casa e até casos extremos de execução. Recentemente, num bairro periférico de Salvador, um avô espancou seu neto negro até à morte quando descobriu que era gay, e um pai baiano de classe média ao ser informado que seu filho era homossexual, deu-lhe um revólver determinando: “Se mate! Na nossa família nunca teve viado!” (MOTT, 1995)

5. Conspiração do silêncio

Durante os últimos quatro mil anos, a homossexualidade foi chamada de “pecado nefando”, o que não pode ser pronunciado. E de fato, as principais instituições donas do poder, da família às igrejas, da escola à polícia, se uniram para impedir que os praticantes do *amor proibido* divulgassem a verdade: que é bom ser gay, que é gostoso o erotismo entre pessoas do mesmo sexo, que duas mulheres podem perfeitamente se amar de forma tão intensa e romântica como os casais do sexo oposto, que a própria natureza humana pode ser alterada, e uma pessoa transexual tem o direito de adaptar sua anatomia e genitália à sua identidade de gênero. (COUTO, 1999)

Esta ardilosa conspiração do silêncio incluiu também entre suas estratégias, não só a destruição das fontes documentais comprobatórias da homossexualidade de personagens célebres, como também a heterossexualização dos amores destas celebridades, numa tentativa maquiavélica de cumprir o mandato inquisitorial: “que os sodomitas sejam queimados e reduzidos a pó, para que deles não se tenha memória.” (AGUIAR, 1926; BOSWELL, 1980)

Contemporaneamente, a mídia, a academia, os jornais diários, perpetuam este diabólico complô do silêncio, censurando artigos que abordam o amor homossexual de forma positiva, sonogando informação sobre a orientação sexual de gays e lésbicas destacados, ou ridicularizando e divulgando preconceitos contra as minorias sexuais.

6. Luta menor

Durante décadas seguidas, intelectuais e políticos de esquerda relegaram ao status de “luta menor” os estudos e militância em favor dos direitos humanos das minorias sexuais. Sob o pretexto de que primeiro se devia derrubar o capitalismo e garantir o pão e trabalho às classes trabalhadoras, transferia-se para um futuro remoto discutir e lutar pelos direitos sexuais e de gênero. Gays e lésbicas foram taxados de agentes da burguesia, e o homoerotismo como sintoma da decadência capitalista. (GENTE, 1976)

Líderes negros e indígenas, dando as costas às evidências etno-históricas que comprovam a presença da homossexualidade na maior parte das sociedades tribais, acusaram o amor unissexual de ser vício colonialista. (FORD & BEACH, 1979) Obviamente que a luta racial, pela igualdade de gênero e de orientação sexual é tão revolucionária e primordial quanto a luta do proletariado, posto que direitos humanos e cidadania não podem ser limitados apenas a certos grupos e a seus projetos particulares, mas a todos os segmentos que

formam a sociedade, e que sofrem e são discriminados exatamente por ostentarem tais peculiaridades raciais, étnicas, sexuais, etc. Os direitos humanos são universais! (GREENBERG, 1988)

7. Homofobia acadêmica

As Ciências, particularmente as Humanidades, têm a missão crucial de realizar pesquisas e divulgar conhecimentos sólidos visando destruir as prenoções, derrubar os preconceitos e impedir as discriminações baseadas em tais equívocos. Lastimavelmente, no entanto, raríssimas são as universidades brasileiras que dispõem de áreas de pesquisa e programas voltados aos estudos da sexualidade em geral e da homossexualidade em particular. (MOTT, 2001) O amor homoerótico continua ainda tema nefando no meio acadêmico: professores e pesquisadores gays e lésbicas se vêem forçados a permanecer na gaveta a fim de não sofrerem discriminações funcionais; muitos são os docentes que ainda usam a cátedra para divulgar opiniões negativas em relação à homossexualidade; alunos e alunas homossexuais são discriminados por seus professores, vendo-se impedidos de assumir sua verdadeira identidade existencial; pesquisadores são desestimulados ou mesmo barrados a investigar temas relativos à sexualidade humana. Muitos acadêmicos continuam agindo como “cães de guarda da moral hegemônica”. (HOOKER, 1967; MOTT, 2003)

8. Omissão governamental

Tradicionalmente, a máquina estatal foi sempre utilizada para reprimir os amantes do mesmo sexo. Embora desde o fim da Inquisição a homossexualidade tenha deixado de ser crime, a Polícia e a Justiça passaram a ocupar a função dos antigos inquisidores, perseguindo, punindo, torturando os “pederastas”. (MOTT, 1988.)

A partir da revolução de Stonewall (Nova York, 1969), marco inicial do moderno movimento de defesa dos direitos humanos dos homossexuais, os países mais civilizados do mundo passaram a incluir os gays, lésbicas e transgêneros na agenda de grupos minoritários que deviam ser beneficiados por políticas garantidoras de sua visibilidade social e igualdade de cidadania.

No Brasil, lastimavelmente, as ações governamentais em favor da defesa dos direitos humanos dos homossexuais são ainda praticamente inexistentes: data de 1996 o primeiro documento do governo federal a mencionar o termo “homossexual”, e mesmo aí, no *Plano Nacional de Direitos Humanos*, enquanto eram 22 as propostas de ações oficiais de superação do racismo,

os homossexuais não mereceram sequer uma medida propositiva.³ Em 2004 foi lançado o alvissareiro *Programa Brasil sem Homofobia*, envolvendo onze ministérios e 54 ações afirmativas para a população GLTB.⁴

9. Homofobia entre os defensores do direitos humanos

Mais grave do que o preconceito encontrado entre os líderes religiosos e acadêmicos, é a homofobia observada por parte das lideranças de instituições voltadas à defesa dos direitos humanos. Hélio Bicudo, D. Aloísio Lorschaider, Rabino Henry Sobel, por exemplo, famosos defensores dos direitos humanos, várias vezes divulgaram na mídia opiniões discriminatórias contra os homossexuais, opondo-se radicalmente ao reconhecimento legal da união civil entre pessoas do mesmo sexo. (MOTT, 2000,a)

O complô do silêncio, preconceito e apartação social continuam presentes no discurso e prática de certos líderes dos movimentos de direitos humanos. Não raramente, chegam alguns a argumentar que não existe paralelo nem equiparação entre a discriminação por raça ou gênero, e a discriminação baseada na orientação sexual. Infelizmente, os argumentos utilizados pelos que excluem os homossexuais da agenda dos direitos humanos inspiram-se em dogmas religiosos, que insistem em demonizar o amor entre pessoas do mesmo sexo. É fundamental que as entidades e lideranças engajadas na luta pela cidadania reconheçam que direitos sexuais também são direitos humanos. (MOTT, 2000,b)

10. Alienação dos homossexuais

Os gays, lésbicas e transgêneros devem representar quando menos 10% da população brasileira. Quase 20 milhões de seres humanos presentes em todas as raças, grupos étnicos, classes sociais, profissões, idades, religiões. Os homossexuais constituem talvez a única minoria que se faz presente em todas as demais minorias sociais. Não é por menos que um dos slogans mais queridos do movimento homossexual internacional é : “somos milhões e estamos em toda parte!”

Não obstante tal onipresença, estimamos que 90% dos homossexuais continuam presos dentro do armário, vivendo clandestinamente o que para todo ser humano é motivo de grande satisfação, reconhecimento público e orgulho:

³ *Programa Nacional de Direitos Humanos*, Brasília, Ministério da Justiça, 1996

⁴ Disponível em: <http://www.mj.gov.br/sedh/documentos/004_1_3.pdf>

o amor. São tão fortes o preconceito, opressão e discriminação contra este grupo, que a quase totalidade dos gays e lésbicas introjetaram a homofobia dominante em nossa ideologia heterossexista, tornando-se homossexuais egodistônicos, não assumidos. Devido a esta invisibilidade, deixam de fornecer modelos positivos para os jovens com orientação homófila, perpetuando a baixa estima e vergonha entre os amantes do mesmo sexo.

Enquanto negros, índios, mulheres, judeus, protestantes, etc, cada vez mais afirmam publicamente e com orgulho suas identidades diferenciadas, gays e lésbicas clandestinos argumentam que sexualidade é coisa íntima, que não querem levantar bandeira, alguns militando em outros grupos minoritários ou votando em candidatos que levantam outras bandeiras, sem se identificar com aqueles que abertamente defendem a cidadania e visibilidade das minorias sexuais. Alienação é o melhor conceito para diagnosticar esta praga da falta de consciência dentro da comunidade gltb. (MOTT, 1993)

III. Erradicando a praga da homofobia

Para que gays, lésbicas e transgêneros brasileiros deixem de ser tratados como marginais e cidadãos de segunda categoria, urge a adoção desta ações afirmativas:

1. Descriminalizar de vez a homossexualidade no mal trato que a polícia e a justiça dão às minorias sexuais, aprovando-se leis que condenem a discriminação sexual com o mesmo rigor que o crime de racismo;
2. Desconstruir os tabus religiosos que diabolizam o amor entre pessoas do mesmo sexo, propondo às diferentes igrejas a promoção de pastorais específicas voltadas para as minorias sexuais;
3. Erradicar a homofobia cultural que impede à sociedade heterossexista reconhecer os direitos humanos e a diversidade das minorias sexuais, criando sentimentos de tolerância e solidariedade dentro das famílias para que respeitem a livre orientação de seus filhos e parentes homossexuais;
4. Quebrar o complô do silêncio e divulgar informações corretas e positivas a respeito do “amor que não ousava dizer o nome”, desmascarando as falsas teorias que patologizam a homossexualidade, ampliando as pesquisas acadêmicas que resgatem a história e dignidade das minorias sexuais;
5. Substituir a homofobia reinante nos partidos políticos que tratam a cidadania homossexual como luta menor, erradicando dos grupos que defendem os direitos humanos, qualquer tipo de manifestação de preconceito que viole a dignidade e cidadania plena da comunidade gltb;

6. Estimular aos gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais a assumirem publicamente sua identidade homossexual e de gênero, lutando pela construção de uma sociedade onde todos tenhamos reconhecidos nossos direitos humanos e cidadania plena.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, A.A. *Evolução da pederastia e do lesbianismo na Europa*, “Ordenações Afonsinas”, Livro V, Título XVII, in Separata do Arquivo da Universidade de Lisboa, vol.XI, 1926.
- BOSWELL, J. *Christianity, Social Tolerance and Homosexuality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- _____. *Same Sex Union in Pre-Modern Europe*. New York: Billard Books, 1994.
- COUTO, E. *Transexualidade: O Corpo em Mutação*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.
- DYNES, W. *Homosexuality: A research guide*. NY:Garland Publishing, 1987.
- FORD, C.S. & BEACH, F.A. *Patterns of sexual behavior*. London: Eyre & Spottiswoode, 1952.
- GENTE, H-P (ed) *Marxismus, Psychoanalises, Sex-Pol*. Frankfurt: Fischer, 1976.
- GRAMICK, J. & FUREY, P. *The Vatican and Homosexuality*. New York: Cross Road, 1988.
- GREEN, J. *Além do Carnaval*. A homossexualidade masculina no Brasil no Século XX. São Paulo: Edusp, 2000.
- GREENBERG, D. F. *The Construction of Homosexuality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- GRIFFIN, C.W. & WIRTH, M. J. *Beyond Acceptance: Parents of Lesbians and Gays talk about Their Experiences*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1986.
- HOOVER, E. “The Homosexual Community”. In: W.SIKMON, W. (ed) *Sexual Deviance*. News York: Harper and Row, 1967.
- LEVER, M. *Les Bûchers de Sodome*. Paris: Fayard, 1985.
- MCCUBBIN, B. *The Gay Question: A Marxist Appraisal*. New York: World View Publishers, 1979.
- MOTT, L. Aids: Reflexões sobre a sodomia. *Comunicações do ISER*, nº 17, dez.1985.
- _____. *Justitia et Misericordia: A Inquisição Portuguesa e a repressão ao nefando pecado de sodomia*. In: NOVINSKY, A. & CARNEIRO,

M.L.T. (Eds). **Inquisição**: Ensaios sobre mentalidade, heresias e arte. São Paulo: Edusp, 1992:703-738.

_____. **O Lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1987.

_____. Os Políticos e os homossexuais. **Jornal do Brasil**, 28-6-1993.

_____. Violência sexual infanto-juvenil. **Jornal da Tarde**, SP, 26-10-1995.

_____. **Homofobia**: A Violação dos Direitos Humanos de Gays, Lésbicas e Travestis no Brasil. S.Francisco (USA): International Gay and Lesbian Human Rights Commission, 1997.

_____. **A Cena Gay em Salvador em tempo de Aids**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000.

_____. **Violação dos Direitos Humanos e Assassinato de Homossexuais no Brasil**. Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia, 2000,a.

_____. **Assassinato de Homossexuais. Manual de Coleta de Informação, Sistematização e Mobilização Política contra Crimes Homofóbicos**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000,b.

_____. **Matei porque odeio Gay**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2002,a

_____. Homossexualidade: uma história tabu e uma cultura revolucionária. **ArtCultura, Revista do do NEHAC**. Uberlândia, n.4, vol.4, 2002,b, p. 10-17.

_____. Intelligentsia homossexual e militância gay no Brasil: De taturana a borboleta: a metamorfose de um antropólogo enrustido em militante gay. In: MOTT, L. **Homossexualidade: Mitos e Verdades**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003,a

_____. **Homossexualidade: Mitos e Verdades**. Salvador: Editora GGB, 2003,b

PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. Brasília: Ministério da Justiça, 1996.

VIDE, D.S. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, 1707**. São Paulo: Tipografia 2 de fevereiro, 1853.